

# JOVENS NEGROS TRABALHADORES: um estudo sobre trajetórias de escolarização e resiliência na Educação de Jovens e Adultos de Ribeirão das Neves

Neusa Pereira de Assis  
Silvani dos Santos Valentim, Dr<sup>a</sup>.

## RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, em andamento, onde, diante do fenômeno de rejuvenescimento da Educação de Jovens e Adultos, objetiva compreender as estratégias de resiliência elaboradas por jovens negros trabalhadores, estudantes da EJA. Os sujeitos são estudantes de Ribeirão das Neves, cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, que vem tendo sua EJA modificada, pelo aumento significativo de matrículas de jovens. Tomando como ponto de partida, as trajetórias de escolarização construídas e vivenciadas por estes sujeitos, objetiva-se mapear estas trajetórias, identificar elementos que favorecem e dificultam a promoção e elaboração da resiliência, analisar e compreender as estratégias de resiliência elaboradas pelos sujeitos da pesquisa. Nossa proposta articula-se com a temática do rejuvenescimento da EJA e a dimensão étnico-racial que este fato apresenta. Tal fato possui significados importantes que necessitam ser estudados para um melhor entendimento das dinâmicas sociais atuais que marcam esta modalidade de ensino. Considerando o tema a ser investigado, optamos por uma abordagem qualitativa, cujos instrumentos serão: análise documental, entrevistas semiestruturadas e grupo focal, e observação. A expectativa é que esta pesquisa contribua com os debates acerca do rejuvenescimento da EJA, dando maior visibilidade às questões étnico-raciais que perpassam esta temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de jovens e adultos; juventude negra; resiliência.

## 1 INTRODUÇÃO

*“Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo.” Milton Santos*

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil vem passando por uma série de transformações, aumentando assim o interesse de pesquisadores (ARROYO, 2011). Todavia, segundo Carrano (2007), nos últimos tempos um fato vem chamando a atenção daqueles que lidam com a EJA, seja enquanto profissional ou pesquisador: o aumento significativo de estudantes cada vez mais jovens. Observado mais de perto, este fenômeno denominado de *rejuvenescimento ou juvenização da EJA*, mostra-se ainda mais complexo pelo fato de estes jovens serem em sua maioria negros, ou seja, pretos e pardos<sup>1</sup>, desafiando-nos a encará-lo para além da questão geracional. Estudar o rejuvenescimento da EJA convoca-nos a também estudar as questões étnico-raciais.

Sabemos que, historicamente, a população negra vem ocupando os piores indicadores sociais, como os de educação e trabalho, e sendo alvo deste *olhar vesgo* de

---

<sup>1</sup> Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 assim como os relatórios anuais do Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Étnico-Raciais (LAESER) comprovam esta afirmativa. O pertencimento étnico-racial destes estudantes vem sendo problematizado por alguns estudiosos como SILVA (2010).

que fala-nos Milton Santos. No que tange aos jovens, observa-se um alto grau de vulnerabilidade e estresse, gerados por situações advindas de seu pertencimento geracional e racial. O Mapa (atual) da Violência no Brasil, elaborado pelo governo federal, aponta para a enorme discrepância entre brancos e negros, em especial no que tange ao número de assassinatos, podendo se falar, a partir destes dados, em um *genocídio* da juventude negra.

No que diz respeito aos jovens da EJA, estudos demonstram que apresentam um histórico de trajetórias de escolarização não lineares, marcadas por repetências e evasões. Soma-se a isso a realidade socioeconômica deste grupo: trata-se de jovens pobres e, em sua maioria, moradores de periferia, o que torna a busca pelo trabalho uma questão de sobrevivência (ARROYO, 2011, SPÓSITO, 2003). A partir desse contexto de desigualdade e discriminação, a ideia de resiliência, entendida como a “capacidade que o indivíduo tem de lidar com problemas e situações de pressão, superar obstáculos, sem se deixar impactar ou desanimar”, ocupa um lugar central nesta pesquisa que busca compreender, a partir das trajetórias de escolarização de jovens negros trabalhadores, estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), as estratégias de resiliência elaboradas por estes sujeitos.

Nossa investigação terá como *locus* uma escola de EJA do município de Ribeirão das Neves, cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte e que conta com, segundo dados do IBGE de 2013, 315.819 habitantes e é considerada a 3ª cidade mais pobre do país. A presença de muitas penitenciárias na região faz com que a cidade seja conhecida como “cidade-presídio”. O município que possui uma infraestrutura precária, com muitas ruas ainda sem pavimentação e bairros sem rede de esgoto, apresenta poucas oportunidades de lazer e trabalho para sua juventude. A EJA nesta cidade, ofertada apenas no noturno, também apresenta o fenômeno do rejuvenescimento. Tais elementos fazem de Ribeirão das Neves um território rico e singular, propício à realização pesquisa.

Com esta iniciativa, espera-se poder ajudar na construção de novos olhares sobre os sujeitos jovens da EJA, em especial os jovens negros, trazendo à tona suas potencialidades, e lançar novas luzes sobre o fenômeno do rejuvenescimento e o lugar do jovem negro nesta modalidade de ensino. Espera-se, ainda, contribuir com o debate acerca das questões identitárias, sobretudo aquelas que se ocupam de pensar a “identidade negra” e “identidade juvenil”, problematizando algumas concepções que se baseiam na ideia de um *tipo ideal, único*, que desconsideram a complexidade e os atravessamentos inerentes a qualquer identidade.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA**

Enquanto professora da EJA e participante de Fóruns e outros espaços de discussão voltados para esta modalidade, tenho visto materializado nas salas de aula os dados

governamentais e resultados de pesquisas acadêmicas que tratam do aumento significativo dos jovens entre os educandos da EJA, e assistido aos debates e incômodos que este fato vem provocando entre os educadores. Todavia, a constatação do elevado número de negros entre os estudantes jovens da EJA nos coloca diante da distância entre igualdade formal e igualdade real no que tange à diversidade cultural que compõe nossa sociedade, assim como os diferentes mecanismos de exclusão produzidos por esta.

Apesar de ostentar um discurso de tolerância em muito sustentado pela prática da miscigenação, o Brasil ainda vive um grave quadro de desigualdade e exclusão que atinge diretamente a população negra, estando os jovens negros entre os mais atingidos. Ainda assim, embora apresentem trajetórias de escolarização marcadas por interrupções (ARROYO, 2005) e uma inserção no mercado de trabalho, cada vez mais de modo informal e provisório, muitos destes jovens persistem, buscando na EJA a possibilidade de continuar seus estudos, e conseguir um emprego melhor, o que nos levar a interrogar, a partir de suas trajetórias de escolarização, sendo esta nosso problema de pesquisa, **quais as estratégias de resiliência elaboradas pelos jovens negros trabalhadores, estudantes da EJA?**

Muitos são os estudos que se ocuparam de pensar a EJA e nos últimos tempos. As pesquisas em EJA vêm ganhando novo fôlego ao despertar o interesse de antigos e novos pesquisadores (HADDAD 2000, SOARES, 2011), mas ainda são tímidas as iniciativas voltadas para se pensar seus sujeitos enquanto sujeitos concretos, levando em conta diferentes elementos constitutivos de suas identidades. Diante do novo e desafiador fenômeno de rejuvenescimento da EJA, cabe-nos questionar quem são estes jovens, quais as suas trajetórias de vida, como se sentem enquanto estudantes da EJA, como é seu cotidiano, como se posicionam diante das adversidades presentes em seu contexto de vida, e se seriam estes resiliêntes? Buscar possíveis respostas para estes e outros questionamentos tornou-se uma questão lacunar e de suma importância para a construção de um novo olhar, menos estereotipado a respeito dos mesmos. Segundo Arroyo, “a visão reducionista com que, por décadas, foram olhados os alunos da EJA- trajetórias escolares truncadas, incompletas- precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural desses tempos da vida” (ARROYO, 2005, p. 31).

Diante destas trajetórias marcadas de desafios, buscar entender o porquê e como estes jovens continuam, persistem e desafiam todo um imaginário coletivo negativo que existe sobre eles, marcado pelos resquícios de uma mentalidade escravocrata que obstaculiza uma visão dinâmica e histórica em relação aos negros, dando a eles um destino pré-determinado e inexorável. A presença dos jovens negros na EJA, ao mesmo tempo em que nos fala das lacunas existentes no sistema escolar no acesso, permanência e sucesso desses estudantes, também nos mostra que “a hominização não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A hominização não é só um processo biológico, mas

também histórico” (FREIRE, 1987, p.14).

Acreditamos que entender estes *novos* sujeitos da EJA, por um lado requer a problematização desse olhar reducionista, por outro, contribui para sua superação. Neste sentido, a pesquisa aqui proposta, espera, ao responder as questões colocadas, lançar luzes sobre o debate sobre acerca do rejuvenescimento da EJA, dando maior visibilidade às questões étnico- raciais que perpassam esta temática.

### **3 BREVE DIÁLOGO COM A LITERATURA**

A nova configuração da EJA nos desafia a olhar com mais cuidados para os protagonistas desta mudança: os jovens. Quem são eles? Embora partilhem de pontos em comum, a categoria juventude encerra em si uma flexibilidade que possibilita diferentes conceituações (PAIS, 1990). Sabemos que, enquanto sujeitos históricos, nosso olhar sobre o mundo é permeado por ideologias e valores, de modo que, este olhar nunca vai ser neutro. Se para Bordieu (*apud* NONATO, 2011), juventude não passa de uma palavra, para outros estudiosos (CARRANO (2007), DAYRELL (2003), SPÓSITO (2007)), trata-se de uma categoria complexa pela diversidade dos sujeitos que abriga. Em comum, estes autores trazem o debate acerca da necessidade de se pensar a juventude para além da questão biológica.

Nesta perspectiva, Dayrell (2003) ensina-nos a olhar para a juventude não como uma categoria estanque e encerrada em si mesma, sendo necessário apurar nosso olhar para a realidade material e subjetiva da existência não de uma juventude, tipo ideal, mas sim de juventudes.

[Podemos entender] a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p.42).

Ser jovem e viver a juventude são experiências vivenciadas de modo singular que vão depender de uma série de outras experiências e pertencimentos que estes sujeitos carregam, como condicionantes, e não determinantes, de seu estar e agir no mundo. Para Paulo Freire:

Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não

determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-me reiterar, é problemático e não inexorável (FREIRE, 1987, p.55).

Segundo Pais (2003, p.40) “a juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”, neste sentido, somos desafiados a romper com lógicas deterministas e evitar olhares apressados e superficiais, descolados do contexto em que estes sujeitos estão inseridos. Além disto, “sabemos hoje que identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes processos de identificação.” (SANTOS, 1994, p. 310). O Documento Base da 1º Conferência Nacional de Juventude alerta para a necessidade de se ver os jovens como sujeitos de direito assim como a valorização da diversidade juvenil:

É preciso reconhecer que um contingente de 50,5 milhões de pessoas num país continental e multicultural, como o Brasil, comporta inúmeras diferenças de identidades, formas de organização e expressão. Ao invés de colocar rótulos e estereótipos nos jovens, devemos reconhecer e valorizar essa diversidade. Mas, também, gerar condições para a diminuição da desigualdade (Documento Base da 1º Conferência Nacional de Juventude, p.18).

Este debate precisa ser levado em conta ao se pensar o fenômeno de rejuvenescimento da EJA. Trata-se de um fato de relevância social com sérias e amplas implicações, diretamente ligado às relações étnico-raciais. Pesquisas como a de Silva (2010) vem demonstrando, a partir do mapeamento do pertencimento étnico-racial e social destes sujeitos, tratar-se de jovens negros, moradores de periferia, com histórico de escolarização fragmentado e empregabilidade instável e incerta. Levando em conta os itinerários destes jovens negros da EJA, a resiliência pode ser o elemento surpresa com que podemos nos deparar. Não se trata de uma característica nata inerente à condição humana, mas sim de uma construção cultural. Neste sentido, a resiliência nos ajuda a entender estes jovens negros trabalhadores, sem cairmos na armadilha da homogeneização. Acreditamos que “as trajetórias sociais e escolares truncadas não significa sua (*dos sujeitos*) paralisação [...]” (ARROYO, 2005, p. 25). A resiliência é antes de tudo a prova do movimento dos sujeitos diante da adversidade. Neste sentido,

Rever nosso olhar sobre os alunos sempre nos surpreende. Em dois sentidos: de um lado estranhamos a visão tão negativa que refletem os termos com que os nomeamos, de outro nos surpreende a riqueza de seus itinerários humanos, frequentemente tão tortuosos (ARROYO, 2005, p.46).

A partir das reflexões aqui apresentadas, acreditamos que nossa proposta de investigação possa contribuir positivamente para o avanço dos estudos voltados para a EJA,

assim como para a educação das relações étnico-raciais.

#### **4 ESCOLHAS METODOLÓGICAS**

Para analisar a partir das trajetórias de escolarização, as estratégias de resiliência elaboradas por jovens negros trabalhadores, estudantes da EJA, realizaremos uma pesquisa de abordagem predominantemente qualitativa por entender que tais trajetórias, embora sejam individuais, não são solitárias, o que implica a relação do sujeito com mundo, não sendo possível traduzir apenas em números. Na busca de fundamentação teórica, assim como de um melhor entendimento sobre o nosso objeto, realizaremos uma pesquisa bibliográfica.

A escolha dos sujeitos da pesquisa se dará a partir da aplicação de um questionário cujo objetivo principal é identificar, o pertencimento étnico-racial dos estudantes jovens e sua relação com o trabalho. Serão considerados negros, obedecendo ao critério do IBGE, aqueles que se autodeclararem pretos ou pardos. Como nossa proposta se localiza no campo da subjetividade, para acessar estes sujeitos, privilegiaremos a técnica de entrevista semiestruturada que permitem ao pesquisador acrescentar outras questões àquelas presentes no roteiro prévio, de acordo com a necessidade enriquecendo a coleta de dados e grupo focal, uma vez que:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão, por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2010, p. 11).

Trata-se de uma importante ferramenta de investigação, uma vez que possibilita ao pesquisador, atento ao que *“não é dito pelas palavras”*, obter informações através de gestos e posturas. Por fim, faremos ainda um caderno de bordo, no qual anotaremos nossas observações.

#### **5 REFERENCIAL TEÓRICO**

A presença jovem na EJA não é um fenômeno novo. O que é novo é o aumento vertiginoso do número de jovens o que vem provocando mudanças e inquietações no modo de se fazer e pensar a educação de jovens e adultos no Brasil. Para além disso, esta presença traz em si a denúncia de uma educação escolar regular inadequada a estes sujeitos e suas realidades, uma vez que *“cada jovem e adulto que chega à EJA são*

náufragos ou vítimas do caráter pouco público do nosso sistema escolar” (ARROYO, 2005, p. 46). Quanto ao rejuvenescimento da EJA Carrano afirma: “A heterogeneidade etária e o caráter cada vez mais urbano dos alunos transformam o perfil de um trabalho que, durante um bom tempo, caracterizou-se pela presença quase exclusiva de adultos e idosos com fortes referências aos espaços rurais” (CARRANO, 2004, p. 34).

Entretanto, acreditamos que a juventude negra na EJA coloca em xeque o discurso da neutralidade na educação assim como a ideia de uma sociedade com oportunidades iguais para todos. As trajetórias truncadas destes sujeitos apontam para o dualismo estrutural existente em nossa sociedade entre brancos e negros, não superado pela miscigenação, apesar de sua amplitude, e nem pelas novas legislações, apesar de sua importância<sup>2</sup>. Buscando entender a formação de uma identidade negra no Brasil, Kabengele Munanga (2008) se deparou com o complexo processo de miscigenação e a gama de cores resultantes deste, que cobrem a pele do brasileiro<sup>3</sup>. Como se saber negro diante de tanta mistura?

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. (...) Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. (MUNAGANGA, 2008, pg. 52)

O rejuvenescimento da EJA traz à tona inquietações relacionadas às identidades dos sujeitos educandos. O desejo de entender o “Ser”, no sentido do que somos, tem mobilizado diferentes estudos e reflexões, todas elas relacionadas com seu tempo, só podendo ser entendidas se historicizadas uma vez que “as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo” (HAAL, 2013, p. 39). Nestes tempos modernos ou, como alguns preferem, pós-moderno, nos quais a tradição parece não encontrar um chão firme.

Pensar questões que envolvam pertencimento identitário, exige de nós, maior esforço para não cairmos na tentação de buscar cristalizar ou homogeneizar estas identidades já que “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS,

---

<sup>2</sup> É inegável o avanço trazido pelas leis que buscam a reparação de direitos para a população negra. Como prova disto podemos citar a Lei Federal 10639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana na educação básica, a Lei de Cotas que determina vagas nas universidades para este público, assim como a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial e a criação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial-SEPPIR- , com status de ministério. Todavia, há ainda um longo caminho a percorrer para a superação das desigualdades raciais no Brasil e a construção de um imaginário coletivo positivo em relação aos negros.

<sup>3</sup> A historiadora Lília Mortiz Schwartz, em um de seus trabalhos em que se debruça sobre o que ela chama de “racismo à brasileira” traz os resultados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar realizada em 1976, na qual os brasileiros se auto atribuem 136 cores. Este dado é relevante uma vez que, ainda é comum no Brasil, ao ser questionado sobre seu pertencimento étnico-racial, o sujeito buscar resposta na cor da sua pele e não em sua ancestralidade.

1994, p. 31). Sobre isto Dayrell (20013), Hall (2009, 2013), Freire (1987), Munanga (2008) e Pais (2006, 2008) Santos (1994) chamam a atenção para a intrínseca relação e/de dependência entre identidade e diferença na sua constituição o que não implica de modo algum uma rigidez separatista, assim como para o fato de que algumas identidades vêm sendo alvos de olhares rápidos e estereotipados que outras. Referem-se às minorias étnicas e/ou minorias políticas como as mulheres, indígenas, ciganos, negros, jovens entre outras, em especial quando combinadas em um mesmo sujeito, potencializando práticas discriminatórias e estereótipos. Estejamos atentos para o fato de que “a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis [...]. A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural” (GOMES, 2003). Para entender a juventude negra da EJA é preciso levar em conta todo este debate, que torna ainda mais relevante a ideia de resiliência como mapa de leitura para ler os sujeitos jovens da EJA. Segundo Antunes, apud *etal*/ Poetini (2010, p.8):

Resiliência é uma abordagem teórica e um conceito extraído da física e muito usado pela engenharia e que representa a capacidade de superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado. Do Houaiss – *Dicionário da Língua Portuguesa* – é a propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação ou capacidade de se recobrar ou de se readaptar à má sorte, às mudanças (do latim *resilientiae*, part. pres. pl. neut. de *resiliere*, “recusar vivamente”). Aplicado à vida humana e animal, representa a capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social.

Paulo Freire foi um dos pensadores brasileiros no âmbito da educação que mais se levantou contra o que ele mesmo chama de *discursos pragmáticos*. Ao se colocar do lado dos “condenados da Terra”, Freire não só questiona o fatalismo que ele mesmo acusa de cínico, como aqueles para quem “o futuro perdeu sua problematicidade”. Estes, para Freire, “perderam seu endereço na História”. Tais discursos desconsideram a possibilidade de ação e atuação dos sujeitos diante de sua realidade e, ao fazê-lo, desumanizam estes sujeitos. Os educandos da EJA encontram lugar neste debate. O olhar homogeneizador que é lançado sobre eles, reduz ou até desconsidera suas expectativas e capacidade de realização.

Trata-se de captar que, nessa negatividade e positividade de suas trajetórias humanas, passam por vivências de jovens-adultos onde fazem percursos de socialização e sociabilidade, de interrogação e busca de saberes, de tentativas de escolhas e formação de valores. As trajetórias sociais e escolares truncadas não significam sua paralização nos tenso processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social e política. [...] (ARROYO, 2005, p. 24)



Partindo da ideia de que “[...] o que há de mais esperançoso na configuração da EJA como um campo específico de educação é o protagonismo da juventude” (ARROYO, 2005, p. 46), sem perder de vista o fato de que “o trabalho também faz a juventude” (SPÓSITO, 2005, p. 124), em especial a juventude da EJA e em maior medida sua parcela negra, somos desafiados a conhecer jovens da EJA levando em conta os elementos que estes trazem em sua bagagem. No que tange aos sujeitos na nossa pesquisa, acreditamos que, para além da realidade excludente e discriminatória na qual estes estão inseridos, faz-se necessário pensar em “*linhas de fuga*”, ou seja, nas brechas encontradas e/ou criadas que possibilitam a transformação destes sujeitos de vítimas à sujeitos da história. Esperamos com esta articulação: jovem-negro-trabalhador, alcançar uma maior aproximação e visualização do que se entende como rejuvenescimento da EJA.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Imagens Quebradas: Trajetórias e Tempos de Alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: Diálogos sobre educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CARRANO, Paulo César. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Movimento, p11-27, maio, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005

DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez (org.). **A educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 15, p.21-29, jun, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

HADDAD, Sérgio (org.) **O Estado da Arte das Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no Brasil: A produção discente da pós-graduação em educação no período 1986 – 1998.**

HAAL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 1ºEd- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: **Educação e Pesquisa vol.29 no.1 São Paulo Jan./June 2003 Disponível em:<<http://www.scielo.br>>.** Acessado em 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da Juventude- alguns atributos.** In: Revista Análise Social, vol. XXV, 1990, 139-165.

POETINI, Nádya Cinara Alves. **Estratégias Resiliêntes no Contexto Educacional: uma contribuição ao exercício da profissão docente.** PUC/ RS. 2010. (Trabalho de monografia)

SANTOS, Boaventura Souza. **Modernidade, identidade e cultura de fronteira.** IN:Tempo Social, USP, SP,1994,31-52.

SILVA, Natalino Neves. **Juventude, EJA e Relações Raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA.** 2010. (Dissertação de mestrado) – Belo Horizonte.